



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CATIA SAES AGUILERA

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DO JAGUARENSE:
A CONSTRUÇÃO DO “SER FRONTEIRIÇO”

JAGUARÃO

2011

CATIA SAES AGUILERA

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DO JAGUARENSE:
A CONSTRUÇÃO DO “SER FRONTEIRIÇO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para professores da área de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Ms. Ida Maria Marins

Jaguarão
2011

CATIA SAES AGUILERA

**REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DO JAGUARENSE: A
CONSTRUÇÃO DO “SER FRONTEIRIÇO”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para Universidade Federal
do Pampa como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras-Português/Espanhol e Respectivas
Literaturas.

Área de concentração: Linguística
Aplicada

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 13 de julho de 2011

Prof^a. Ms. Ida Maria Marins
Orientadora
Letras - UNIPAMPA

Prof^a. Ms. Alessandra Avila Martins
Letras - UFFS

Prof. Ms. Carlos Garcia Rizzon
Letras - UNIPAMPA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao meu marido Edevar, maior incentivador e fonte inesgotável de apoio, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Ida Maria Marins pela orientação e pelo apoio para que eu realizasse o Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

A todos os colegas de curso pelo convívio e pelos momentos de amizade.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

...eu que sempre balancei entre o Brasil e o Uruguai, mais precisamente, entre o Rio Grande e o Prata - eu, fronteiro, repartido entre as tantas identidades de minha fronteira e de minha literatura (...)
...depois de viver ali a grande lição da fronteira, que é – tenho repetido sempre – que lá nós não somos nós, mas nosotros, nós outros, nós-nos-outros... (SCHLEE, 2004, p. 49)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa inicial de caráter qualitativo, que tem por objetivo verificar as representações discursivas do sujeito fronteiriço, e como estas produzem influência na construção de sua identidade. Para tanto, foram utilizados textos de quatro moradores da cidade fronteiriça de Jaguarão - sujeitos da pesquisa. Após coleta dos dados, trabalhamos na fundamentação teórica, que exigiu estudar conceitos de fronteira e de identidade para depois, juntamente com pressupostos da Teoria Dialógica do Discurso, partirmos para a análise dos dados, buscando compreender o objeto de estudo aqui proposto. Após a análise dos discursos pôde-se perceber uma pluralidade de vozes. Uma construção híbrida acerca desse *entre-lugar*, uma zona de transição e de negociação de identidades.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	08
2 A FRONTEIRA	10
3 IDENTIDADE	12
4 ASPECTOS HISTÓRICOS	14
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	16
6 ANÁLISE DOS DADOS	17
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	

1 Introdução

A finalidade que aqui nos propomos é a de identificar as representações discursivas de sujeitos residentes em uma região de fronteira para depois discutir em que medida essas representações contribuem na formação das suas identidades. Neste trabalho nossos olhares estarão voltados para a cidade de Jaguarão (Brasil), que faz fronteira com Rio Branco (Uruguai).

Alguns estudos já existem sobre o tema “identidade fronteiriça”, mas poucos contemplam a região citada acima¹, por este motivo acreditamos ser pertinente este estudo, pois procuramos discutir a construção da identidade de pessoas que habitam uma região de fronteira e possuem contato direto e diário com os costumes de um país vizinho, neste caso o Uruguai. Devido à complexidade do objeto a ser tratado, ou seja, as questões identitárias; faremos um recorte em torno das representações trazidas, que significam a fronteira enquanto espaço regional, ou, como diria Aldyr Schlee (2004, p. 49) “um território ficcional tipicamente fronteiriço”.

Investigaremos de que maneira a proximidade existente entre Brasil e Uruguai é reconhecida pelos habitantes da cidade de Jaguarão e em que medida o *ser jaguarense* se “reconhece” influenciado pelo espaço fronteiriço onde reside. A fronteira neste caso deixa de ter como seu único significado o de limite de Estado-Nação ou a divisa entre dois países, passando a ter um significado bem mais complexo, um significado simbólico.

O limite existe, no caso da fronteira aqui mencionada, Jaguarão e Rio Branco; e esse limite se estabelece através da Ponte Internacional Barão de Mauá que está situada sobre o Rio Jaguarão. Ainda assim não acreditamos que esse limite seja um obstáculo para os fronteiriços, pois percebemos a fronteira como um local de construção, de negociação e de integração.

Sendo assim, a partir da concepção da fronteira como um espaço de trânsito e negociação esse trabalho se justifica pelo interesse em investigar como o Jaguarense se percebe no espaço de fronteira e como esse espaço contribui para a construção da sua identidade.

¹ Alessandra Avila Martins: professora da Universidade da Fronteira Sul, Erechim e doutoranda em Linguística Aplicada (UCPel) pesquisa sobre a irmandade na fronteira Jaguarão/Rio Branco. Carlos Garcia Rizzon: professor da Universidade Federal do Pampa e doutorando em Literatura Comparada (UFRGS) pesquisa sobre representações literárias das fronteiras, Jaguarão/Rio Branco entre outras.

Primeiramente faremos uma breve explanação em torno dos conceitos de fronteira, para então a seguir verificarmos os principais conceitos de identidade, para que posteriormente façamos um apanhado histórico da fronteira, o qual acreditamos ser indispensável para melhor compreender os discursos - objeto de análise deste trabalho.

Depois, serão analisados quatro (04) textos de moradores da cidade de Jaguarão com base nos fundamentos que sustentam nosso trabalho; os conceitos de fronteira, de identidade e na teoria dialógica do discurso em Bakhtin. Com a análise dos textos acreditamos que será possível verificar as representações discursivas do sujeito fronteiriço, e como estas produzem influência sobre a construção de sua identidade. Após a análise dos dados, passaremos às considerações sobre o trabalho realizado.

2 A Fronteira

Consideramos importante fazer uma breve explanação em torno de alguns conceitos de fronteira já que nosso *corpus* de pesquisa são os discursos de moradores da fronteira Jaguarão/Rio Branco.

Fronteira é conceituada no dicionário Aurélio (*on line*,) como sendo: “limite de um país ou território no extremo onde confina com outro”. Ou ainda como “a região adjacente a esse limite”.

O dicionário Aurélio também conceitua fronteira como vivas ou mortas e ainda traz definição para fronteiras esboçadas. As fronteiras vivas seriam um espaço “resultante de lenta evolução histórica e fixada através de choques ou de lutas armadas; fronteira de acumulação, fronteira de tensão”. Já as fronteiras mortas são conceituadas pelo dicionário como “tipo de fronteira que passou de viva à categoria das linhas tranqüilas, desde que cessou a tensão existente”. E as fronteiras esboçadas seriam “tipo de fronteira simplesmente desenhada sobre um mapa, não correspondendo o seu traçado a nenhuma adaptação passiva do homem ao meio nem a nenhuma adaptação ativa do Estado a que pertence”.

Também podemos encontrar o conceito de fronteira visto pela ótica do historiador Enrique Padrós (1994), que define as regiões fronteiriças como espaços isolados e distantes das capitais do país. Não apresentam uma política que estimule a produtividade local, além da falta de conhecimento para exploração dos recursos naturais.

O historiador, em seus estudos, conceitua a fronteira viva como locais de tensão, confronto e embate, mas também como zona de interação e intercâmbio. Já as fronteiras mortas seriam um espaço “parado no tempo”, não apresentariam situações de desenvolvimento ou crescimento. E as fronteiras esboçadas são espaços artificiais e mal definidos. (PADRÓS, 1994, p. 71).

Em referência às definições citadas acima, percebemos a fronteira Jaguarão/Rio Branco como sendo uma mescla das fronteiras vivas e mortas, pois inicialmente sua constituição se deu através de um acampamento militar e foi palco de fortes conflitos entre os dois países. Atualmente com a implantação dos *free shops* percebe-se certa movimentação financeira e vivacidade nesse local.

Já Sandra Jatahy Pesavento (2002, p.35-36), traz um conceito de fronteira muito pertinente para nossa pesquisa; o conceito de fronteira simbólica que seriam:

“ marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Nesse sentido, são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo.

Referimo-nos ao imaginário, este sistema de representações coletivas que atribui significado ao real e que pauta os valores e a conduta. Desta forma, as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo. (PESAVENTO, 2002 p. 35-36).

O conceito de simbolismo estará presente também no conceito do estudioso Stuart Hall (2006, p.38), acerca da Identidade, pois ele a conceitua como “uma construção simbólica”.

3 Identidade

Tratar do conceito de identidade é uma tarefa complexa devido a sua natureza multidisciplinar, trabalhado no âmbito das ciências sociais. Evidentemente, não temos a pretensão de nos aprofundarmos em longas discussões teóricas sobre seus conceitos e sim aplicá-los de forma coerente para sustentar nossa investigação acerca da construção identitária do morador da fronteira Jaguarão/Rio Branco.

Para tanto, nos apoiaremos nos conceitos de identidade desenvolvidos pelo estudioso Stuart Hall, que traz grandes contribuições para que possamos tratar desse assunto tão complexo.

Hall (2006), afirma que com o aumento do alcance como do ritmo da integração global, a partir dos anos 70, as identidades culturais sofreram mudanças e aponta três possíveis conseqüências: a) As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e dos “pós-moderno global”. b) As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. c) As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2006, p. 69).

De acordo com o estudioso, as identidades estão mudando e “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). Desse modo, o indivíduo constitui e modifica sua identidade de acordo com as suas necessidades. Vista por essa ótica, identidade é algo plural, constituída a partir das relações sociais e ainda como algo em constante mudança.

Sendo assim, identidade é uma construção simbólica, “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. (HALL, 2006, p. 38). A construção da identidade é também a forma como interpretamos a realidade, já que é um processo não só de construção, mas também de representação e identificação.

Essa construção só é possível a partir do momento que separamos o “nós” e “outros”. Como destaca Hall, (p. 40-41) “Eu sei quem “eu” sou em relação com o “outro” (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser”.

A partir daí acreditamos ser pertinente trazermos para o debate um pouco sobre o conceito de alteridade, já que estamos analisando a identificação do Jaguareense em relação ao outro, as interferências que podem ser adquiridas ou não

por esse estreito contato; levando em conta o território fronteiro, como um local de transição ou ainda um “entre-lugar”.

Entendemos alteridade como sendo um estado intercambiável em que o outro está em relação a mim e assim vice-versa, e que ao mesmo tempo em que nos coloca em situação de confronto permeia nossa existência: somos povoados pelo outro e nossas relações constituem e são constituídas pela sociedade. Para ilustrar relatamos um fato curioso que ocorre no comércio de Jaguarão; quando alguém chega para comprar algum produto no comércio da cidade de Jaguarão e o produto está em falta, é hábito o vendedor dizer que determinado produto “não me fica mais”. Essa expressão indica uma variação utilizada e aceita nesta região como algo “nosso”, mas que na realidade é uma fiel tradução do espanhol da expressão “no me queda más”. Ou ainda como cita Pesavento:

É por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõe as construções imaginárias de referência, definindo-se os “outros” com relação a “nós” e vice-versa. Portanto o “recorte” epistemológico que “encerra” o conceito de fronteira é capaz de, paradoxalmente, anular este mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados. (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Sendo assim, pode-se dizer que a imagem do outro permeia a construção ou até mesmo a identificação de si, ou ainda como cita Fiorin, (2008) “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”.

4 Aspectos contextuais: históricos e culturais da fronteira Jaguarão/Rio Branco

Inicialmente em 1802 na Praça do Desembarque, a cidade de Jaguarão era ocupada por acampamentos militares. Foi fundada como vila em 06 de julho de 1832. Mas para os moradores da cidade fronteiriça a data mais importante é a de 27 de janeiro de 1865, quando a Guarda Nacional Brasileira resistiu a uma tentativa de invasão de soldados do exército uruguaio.

Os soldados Jaguarenses resistiram por 48 horas, comandados pelo Coronel Manoel Pereira Vargas. A cidade de Jaguarão estava sitiada e seus soldados em desvantagem bélica e com efetivo menor de soldados, já que eram cerca de 500 soldados brasileiros que tinham em torno de 60 clavinhas de fuzil.

O comandante deu ordem para que os soldados recuassem para as trincheiras e o pequeno efetivo resistiu bravamente, tiveram ajuda de vapores de guerra que estavam ancorados no cais do porto. Na noite do dia 27 de janeiro de 1865, o exército brasileiro derrotou os uruguaios, e com apenas um homem morto e cinco feridos haviam evitado a invasão do território brasileiro.

Desse fato, originou-se o ditado popular que comumente se ouve os moradores de Jaguarão dizerem: “corremos os castelhanos a pelegaço e água quente”. Devido à falta de armamento e soldados, o episódio também proporcionou que o Império concedesse para a cidade de Jaguarão o título de “Cidade Heróica”.

Como ressalta Milán:

“a atual zona de fronteira Uruguai-Brasil foi ponto de referência para a disputa política e militar entre interesses muito poderosos (a linha fronteiriça discutida pelo Império Português e o Império Espanhol); muitas vezes o povoamento de estâncias e fazendas, ou a fundação de vilas e fortes, foi o modo de reivindicar a soberania dos territórios”. (MILÁN, 1996, p. 121-122).

Em 30 de dezembro de 1930, com a inauguração da Ponte Internacional Mauá, o trânsito entre brasileiros e uruguaios ficou mais fácil e os relacionamentos foram se estreitando. Até os anos 90, era comum a prática do contrabando na fronteira entre Jaguarão e Rio Branco, pois com a moeda brasileira desvalorizada os uruguaios faziam todas as compras em Jaguarão, alimentando o comércio, que trabalhava voltado para a cidade vizinha. Essa prática deixou de ser rotineira com a valorização da moeda brasileira e com a abertura de *free shops* na cidade de Rio

Branco, invertendo-se os papéis, ou seja, hoje é o comércio uruguaio que se volta para o consumidor brasileiro.

Mas, as relações vão além dos interesses econômicos visto que é comum encontrarmos jaguarenses com pai ou mãe uruguaio; uruguaios fazendo tratamento médico em Jaguarão e até mesmo morar em um país e trabalhar no outro. Assim, por maiores que tenham sido os embates existentes entre os moradores das duas fronteiras, hoje se percebe integração e até certa irmandade entre os moradores de Jaguarão e Rio Branco.

5 Metodologia da pesquisa

Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo/interpretativista. Para tanto, serão analisados quatro textos de moradores da cidade de Jaguarão com o título “ser jaguareense”. Tais sujeitos de pesquisa foram escolhidos levando-se em consideração o critério de terem nascido na cidade de Jaguarão. Em dias alternados foi pedido para os sujeitos da pesquisa que construíssem um texto em que deveriam explicitar o que era ser jaguareense; o texto foi elaborado individualmente e os sujeitos não sabiam que outros textos também haviam sido solicitados para outras pessoas, só lhes foi informado que era uma pesquisa para um trabalho que seria realizado na Unipampa. Os sujeitos, após terem elaborado o seu texto, entregaram-no manuscrito para que posteriormente fosse digitado.

Com a análise dos textos acreditamos que será possível verificar as representações discursivas do sujeito fronteiriço, e como estas produzem influência sobre a construção de sua identidade – objetivo deste trabalho. Os dados serão analisados a partir de pressupostos da Teoria Dialógica do Discurso (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1895/1975), juntamente com a análise do contexto histórico de fronteira para então tentarmos compreender a construção identitária do morador da fronteira, buscando nos textos marcas que nos indiquem as influências sofridas pelo fronteiriço. Os recortes dos textos serão identificados pelas letras “a”, “b”, “c” e “d”. Assim respectivamente: SA (sujeito A); SB (sujeito B); SC (sujeito C) e SD (sujeito D). Salientamos que foram observados os preceitos éticos da pesquisa com sujeitos. Para tanto, os sujeitos assinaram um termo de consentimento para a utilização dos dados aqui trabalhados, que se encontram anexos.

6 Análise dos dados

A Teoria dialógica do discurso nos diz que a língua é um fato social e como tal nos oferece elementos para compreender os discursos que circulam na sociedade. A compreensão de um texto/discurso, segundo Bakhtin:

...implica uma responsividade, e, por conseguinte, um juízo de valor. O ouvinte ou o leitor, ao receber e compreender a significação lingüística de um texto, adota, ao mesmo tempo, em relação a ele, uma atitude responsiva ativa: concorda ou discorda, total ou parcialmente, completa, adapta, etc. (...). Compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário, uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos numa situação de comunicação, e ainda com outros textos sobre a mesma questão. Isto quer dizer que a leitura de uma obra é social, mas também individual. Na medida que o leitor se coloca como participante do diálogo que se estabelece em torno de um determinado texto, a compreensão não surge de sua subjetividade. Ela é tributária de outras compreensões. Ao mesmo tempo, como o leitor participa desse diálogo mobilizando aquilo que leu e dando a todo esse material uma resposta ativa, sua leitura é singular. (FIORIN, 2006)

Fundamentada nessa idéia, a de que o leitor (no meu caso também pesquisadora) compreende de forma responsiva ativa os discursos, dando a eles uma significação singular, mas que composta por outros discursos sociais; é que me autorizo a interpretar os discursos aqui selecionados.

A pesquisa se baseia em dados coletados de sujeitos fronteiriços e buscamos analisar a influência desse espaço (a fronteira) na formação de sua identidade e discutir as representações trazidas nos discursos desses sujeitos para compreender em que medida elas contribuem na constituição das identidades.

Neste momento serão apresentados fragmentos de textos e uma breve discussão em torno dos referenciais teóricos que já foram abordados no decorrer do trabalho.

SA: “Ser Jaguareense é valorizar a tradição e os valores de Jaguarão na imensidão do pampa, em batalhas épicas na defesa da Fronteira e dos interesses de um povo. É ser bravo, destemido, honrado e justo quando se trata de defender o seu povo”.

Percebe-se nesse trecho alusão à época da guerra de 1865, em que Jaguarão esteve sob ameaça de invasão. E a seguir SA continua sua definição do que é ser jaguareense:

SA: ...É ter a graça de poder observar as ruínas da enfermaria que lembra um tempo de guerra, herança de nossos ancestrais.

Vemos que nos dois fragmentos o discurso retoma a época de embate e se refere à enfermaria militar como uma “herança”, algo que faz parte da construção/relação, da identificação deste sujeito com a sua cultura, que remete a uma tradição.

SA: Ser jaguarense é ter sotaque fronteiriço, é poder olhar o campanário que embala os casarões com as pompas de outras eras, com metais e com brasões.

O discurso de SA continua tratando dos embates, ao falar dos “brasões” nos reportamos a isso, ao conflito e as batalhas. Mas apesar dessa memória conflituosa estar tão presente mesmo após tanto tempo, é nítida a relação pacífica e amistosa e isso se evidencia com a denominação de “ter sotaque fronteiriço”. Pois a relação e o contato existem para que possa haver “sotaque”. Como ressalta Padrós:

Um exemplo bem concreto é o que se dá na fronteira brasileiro-uruguaia com a existência do “portunhol”. No Uruguai, estudos recentes mostram dados preocupantes de penetração dessa “língua” de fronteira. Calcula-se que quase 50% do território uruguaio sofre hoje seus efeitos. Aliás, a decisão de ensinar a língua portuguesa no ensino público nacional, mais do que um efeito de integração, é uma reação frente a um delicado processo de aculturação que atinge a identidade e os valores culturais daquele país. (PADRÓS, 1994, p. 83).

Segundo Hall (2000), embora a identidade seja construída por meio da diferença o seu significado não é fixo. Tomando os fragmentos citados acima podemos perceber que o discurso se dá em torno da diferença, dos conflitos existentes na memória, mas que pensados como uma referência, a qual foi marcando a história desses sujeitos em região de fronteira.

SB: Ser Jaguarense é ter a possibilidade de transitar em duas culturas tão diferentes que são separadas apenas por um rio, mas ao mesmo tempo são tão irmanadas pelo sentimento de fraternidade que faz parecer que somos todos apenas “hermanos” separados por uma linha invisível do limite de cada país, é olhar para o outro lado e nos sentirmos identificados com os costumes e rotinas inerentes aos dois lados.

Nota-se nesse discurso o sentimento de “*irmandade*” do jaguareense pelo seu “*vizinho*” Uruguaio. Assim como a negociação e a troca existente entre brasileiros e uruguaiois dessa fronteira. Bem como cita Schlee, (2004, p.49) dando um exemplo próprio de sua infância na fronteira Jaguarão/Rio Branco:

“Um território ficcional tipicamente fronteiriço, situado no plano de interseção de duas nacionalidades e de entrelaçamento de duas línguas, dividido pelas mais variadas delimitações de ordem oficial e até linguísticas, mas transformado em espaço mítico, onde tenho encontrado oportunidade de inscrever meu processo de criação, depois de viver ali a grande lição da fronteira, que é – tenho repetido sempre – que lá nós não somos nós, mas *nosotros*, nós outros, nós-nos-outros...” (SCHELEE, 2004, p.49).

Assim é reforçado o conceito de identidade “plural” que não nega a existência do outro, mas o aceita e em alguns momentos até compartilha dela, pois segundo Roberto Damatta, (2004, p.19) “nenhuma sociedade faz uma leitura solitária, idêntica ou isolada de si mesma”.

SC: A cidade de Jaguarão, além de bela, possui o maravilhoso Rio Jaguarão e a Ponte Internacional Mauá, que nos une ao Rio Branco, fazendo do povo desta cidade pessoas privilegiadas, pois é ótimo somente cruzar uma ponte e estar em outro país, compartilhando costumes, culturas, culinária e ainda falando o “portunhol”.

Também pode ser percebido certo indício de “irmandade” nesse discurso, assim como a aceitação do outro, dos costumes, da cultura, da culinária e até mesmo da língua. SC ao dizer que quando cruza a ponte fala o “portunhol” entendemos como a necessidade de incluir-se na cultura vizinha. Por esse motivo:

“O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (HALL, 1987, p.13).

Outro fator que também cabe ressaltar é quando SC se refere à Ponte Internacional Mauá, mencionando como sendo algo que une os dois países, um meio para compartilhar do “outro”, e sente-se privilegiado por isso.

Schlee manifesta-se dizendo que bem no meio da Ponte Internacional Mauá, que “une” Brasil e Uruguai, existia uma risca vermelha que fazia a divisa dos dois países e com “um pé lá e outro cá” se podia estar ao mesmo tempo no Brasil e no Uruguai.

“Vivia perplexo diante do Uruguai, não propriamente diante do mundo; mas, antes, diante daquele outro mundo; tão perto e tão longe, logo ali do outro lado da risca vermelha da ponte, *muy cerca, cerquita*, cerquinha, cercado (a risca vermelha no meio da ponte!)...Aquele outro mundo, separado e unido pelo rio: tão diferente e tão igual; tão distinto e *tan distinto*; tão distinguido e *tan distinguido*; tão esquisito e *tan exquisito*...” (SCHELEE, 2004, p.53)

Em outro trecho do discurso SC faz uma breve explanação da situação sócio-econômica dos moradores da fronteira:

SC: A alguns anos atrás, muitos Jaguarenses mudaram-se para outras cidades devido à falta de oportunidades de emprego e educação. Essa realidade está mudando, com a implantação dos *free shops*, as oportunidades de emprego melhoraram e com a chegada da Universidade já se tem a oportunidade de cursar o ensino superior no município.

As regiões de fronteira são geralmente relacionadas com situações de pobreza, marginalidade e se encontram relativamente distantes das grandes capitais, o que obriga muitos moradores da cidade a procurarem oportunidades de emprego fora de Jaguarão. O sujeito que produz o discurso neste momento, SC, relata que as oportunidades melhoraram com a chegada dos *free shops* e explicou-nos que seus proprietários dão preferência para empregar brasileiros que tenham documentação uruguaia, o que de certo modo, também tira a oportunidade dos uruguaiois. O próprio escritor Schlee (2004, p. 53) se refere à fronteira sobre a qual estamos tratando como “...pobre da empobrecida fronteira Brasil-Uruguai”.

Nota-se que, mesmo de forma pacífica, existe na fronteira uma relação de poder. Na fronteira Jaguarão/Rio Branco nas décadas de 80 e 90 era comum encontrar os uruguaiois fazendo suas compras em Jaguarão, pois a moeda uruguaia “pesos” se valorizava frente à moeda “brasileira” e o comércio local era quase que em sua totalidade voltado para os compradores da cidade vizinha. Hoje os papéis se inverteram e com a valorização do real e a chegada dos *free shops*, são os brasileiros que cruzam a ponte para fazer suas compras.

O discurso de SC não é muito distinto do próximo que iremos apresentar. Encontramos características muito semelhantes quando se trata de “oportunidades” na cidade fronteiriça Jaguarão. No discurso abaixo SD se define enquanto Jaguareense:

SD: É ser hospitaleiro com pessoas de fora da cidade, é saber o quanto estamos longe do centro do Poder, é saber que a ajuda do governo demora a chegar, é saber que somos uma cidade onde nosso filho não tem oportunidades e precisam ir para centros grandes como Pelotas, Porto Alegre, Caxias e Fortaleza em busca de oportunidades, é saber que nossa maior indústria ou empresa é a Prefeitura que emprega grande parte dos moradores, é saber que nossa política esta enraizada na direita dos Coronéis e a esquerda do professor do bairro, é saber que a violência que tanto assola nosso Brasil, aqui ainda encontrou paz, é saber que temos uma universidade que vai proporcionar uma melhora nos índices educacionais do município, possibilitando melhor futuro, acima de tudo ser Jaguareense é acreditar que podemos mais, sem nunca desistir por uma cidade melhor para todos.

A voz que aqui se apresenta retoma o que já foi dito, ou seja, que a situação de pobreza, falta de oportunidades de trabalho e estudo, assim como, o distanciamento da fronteira dos grandes centros é algo evidente e de fácil percepção. Jaguarão foi durante muitos anos governada politicamente por partidos ditos de “direita”, por esse motivo SD se refere a *política enraizada na direita dos coronéis*. O governo atual da cidade de Jaguarão é o do PT, partido de esquerda e o atual prefeito é professor da rede estadual de ensino e morador de um bairro afastado do centro da cidade.

No discurso apresentado por SD não se percebe inferência à fronteira; “ser jaguareense” é viver *um conflito social*, em uma região onde as oportunidades são escassas e a chegada da Universidade é motivo de esperança. A construção identitária de SD está intimamente relacionada com a idéia de construção de uma cidade “fronteira” melhor com maiores oportunidades de educação e trabalho. SD se refere à prefeitura como “maior indústria ou empresa que emprega grande parte dos moradores” visto que quem não consegue trabalho nessa “empresa” fica a mercê da informalidade, já que em grande parte os funcionários públicos da prefeitura são contratados como cargo de confiança, o que também não é garantia de estabilidade.

Enrique Padrós, (1994) fala sobre a dinâmica sócio-econômica da fronteira e o porquê de seu comportamento muitas vezes informal:

Outra questão importante vinculada à região de fronteira é o fato de haver ali uma sobreposição de dinâmicas sócio-econômicas diversas que a tornam uma difusa zona de transição que acaba diferindo das características nacionais dos países em contato. (...)

O comportamento 'informal' e 'marginal' da realidade econômica de fronteira está relacionado com a história dos processos de formação dos centros de poder regional. (PADRÓS, 1994, p. 69).

Por este motivo percebemos nos discursos que, apesar do amor demonstrado pela cidade natal, alguns já tiveram que se ausentar de Jaguarão e buscar oportunidades em outros centros maiores. Buscar oportunidades, ao nosso entendimento, significa para esses sujeitos um emprego formal, com segurança e estabilidade, já que na fronteira Jaguarão/Rio Branco o que predomina ainda é a informalidade.

Considerações Finais

Como já havíamos dito, não temos aqui a pretensão de julgar ou classificar o morador da fronteira, e sim de procurar entender alguns aspectos relacionados com a formação identitária deste sujeito morador de uma das mais antigas fronteiras. A singularidade da zona fronteira nos despertou curiosidade e, por conseguinte a construção do morador desse espaço também.

Dissemos que fronteira e limite não possuem o mesmo significado e no decorrer do trabalho procuramos distingui-los. Na análise dos discursos percebemos que os moradores de Jaguarão vêem a fronteira, o espaço onde residem, como um espaço fluido, alguma coisa como um lugar com vida própria, como uma “fronteira”, mas nunca como um “limite”, um local híbrido com uma imensa pluralidade de vozes.

Alguns possuem “lembranças”, marcas que remetem a épocas de conflitos bélicos, mas mesmo com essas lembranças percebemos que “não ficou rancor”, os discursos dos jaguarenses tratam dos moradores da vizinha Rio Branco com certo carinho e respeito, principalmente quando se dirigem à eles como *hermanos*.

Marcas da construção identitária do jaguarense em relação à vida fronteira fica clara para nós, como o fato de sentirem-se privilegiados com o fato de simplesmente cruzar a ponte e estar em outro país, e o mais importante compartilhar dessa cultura, falar o *portunhol*, degustar uma “milanesa uruguaia”, visitar os parentes que vivem do outro lado da ponte, sem falar que a rádio com maior audiência em Jaguarão é Uruguaia. Esses aspectos rotineiros estão intrinsecamente ligados entre os dois países, esses fatores são inerentes a um povo que está em constante negociação.

Por mais que muitas vezes os hábitos e os costumes sejam distintos, o convívio existe e é pacífico, e percebe-se que os discursos trazem identificações com os uruguaios não porque as pessoas se sintam uruguaias, mas sim porque não são somente brasileiros são sim “uma mistura”, como me relatou um dos sujeitos analisados “metade galleta e metade bolacha”. Isso, ao nosso ver, é aceitar a alteridade, como cita Schlee (2004), “aqui não somos só nós, somos nosotros”.

Após a coleta e análise dos dados o que se percebe claramente é que os moradores da cidade de Jaguarão e Rio Branco estão em um contínuo processo de integração, e que vivem e convivem de forma harmônica.

Inicialmente nos propusemos a discutir como o espaço fronteiroço influenciaria a construção do morador da fronteira e ao final somente nos sentimos confortáveis para dizer que esse sujeito fronteiroço é constituído e construído a partir de crenças, de valores, do contato diário, da mistura e da troca com seus *vizinhos hermanos*, que muitas vezes são também amigos ou parentes. Uma construção identitária híbrida, móvel, que faz deste sujeito, nas palavras de Schlee: *..um ser repartido, entre as tantas identidades de minha fronteira...*

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: Informação e documentação - Projeto de Pesquisa - Apresentação. Rio de Janeiro: 2005.

DAMATTA, Roberto. **Nação e Região**: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira. In: SCHULER, Luis F, . BORDINI, Maria da G. (Orgs) *Cultura e Identidade Regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: explicitação das normas da ABNT. 15. Ed. Porto Alegre: s.n., 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. "Minimal Selves", in **Identily: The real Me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987 In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO E NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS - conforme normas da ABNT. Organizado por Cátia Rosana

L. de Araújo, Cristiane Pereira Maciel e Dilva Carvalho Marques. Universidade Federal do Pampa, Sistema de Bibliotecas – Bagé: [s. n.], 2010.

MILÁN, José Guillermo. SAWARIS, Gerri. WELTER, Milton Luis. **El camino recorrido**: lingüista y educadores en la frontera Brasil Uruguai. In: TRINDADE, A. M.; BEHARES, Luis E. (Orgs.). *Fronteiras, educação, integração*. Santa Maria: Pallotti, 1996.

NOVO AURÉLIO, **Dicionário da Língua Portuguesa**, Século XXI. On line. Versão 3.0. Rio de Janeiro: editora: nova fronteira, 1999.

PADRÓS, Enrique. **Fronteiras e Integração Fronteiriça**: elementos para uma abordagem conceitual. *Humanas*, Porto Alegre, V.17, n.1/2, p. 63-85, jan/dez., 1994.

PESAVENTO, Sandra. **Além das fronteiras**. In: MARTINS, Maria Helena (Org.) *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Anexo A

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA, ANÁLISE E USO DE DADOS

Eu, , autorizo, o (a) aluno (a) Catia Saes Aguilera do curso de Letras Português/Espanhol da UNIPAMPA, Campus Jaguarão, a utilizar os dados do meu texto para conduzir sua pesquisa, elaborar textos e apresentar os resultados da análise em congressos, seminários e, eventualmente, publicar os resultados dessa análise. Entendo que os princípios da ética, da confidencialidade e solidariedade humana serão respeitados na condução da pesquisa e o meu direito a não participação ao longo do processo também está garantido. Sendo assim, autorizo a utilização dos dados como mencionado.

Assinatura do participante:

Jaguarão, de 2011 .

Anexo B

Ser Jaguareense

Ser Jaguareense é valorizar a tradição e os valores de Jaguarão na imensidão do pampa, em batalhas épicas na defesa da Fronteira e dos interesses de um povo. É ser bravo, destemido, honrado e justo quando se trata de defender o seu povo.

Ser Jaguareense é ir mais além, é como um amar impossível, que se sente a sua falta, que jamais se pode esquecer. É enxergar a beleza de Jaguarão, beleza esta que emana nos amigos que possuo, nas tardes de domingo, nos teus campos verdes, no teu rio, fonte de vida e beleza.

Ser Jaguareense é não esquecer-te e nem abandonar-te e sei que se algum dia tiver que partir que ao retornar a viver no teu seio encontrarei abrigo. É ter a graça de poder observar as ruínas da enfermaria que lembra um tempo de guerra, herança de nossos ancestrais.

Ser Jaguareense é ter sotaque fronteiriço, é poder olhar o campanário que embala os casarões com as pompas de outras eras, com metais e com brasões. É sentir saudade das missas de domingo e as suas moças na janela. É ter orgulho de seus portais e suas fachadas, é sentar-se na praça principal, onde talvez seus cantores e poetas, o verdadeiro povo Jaguareense dorme num banco da praça.

Anexo C

Ser Jaguareense

É ter a possibilidade de transitar em duas culturas tão diferentes que são separadas apenas por um rio, mas ao mesmo tempo são tão irmanadas pelo sentimento de fraternidade que faz parecer que somos todos apenas “hermanos” separados por uma linha invisível do limite de cada país, é olhar para o outro lado e nos sentirmos identificados com os costumes e rotinas inerentes aos dois lados.

É poder transitar por nossas ruas e admirar a riqueza histórica nos velhos casarios, poder respirar o ar puro de nossas ruas, por enquanto ainda bem arborizadas, coisa rara nos dias atuais, poder ver toda a cidade do alto da velha enfermaria, tomar um mate na beira do velho Rio Jaguarão, admirar o vai e vem dos barqueiros trazendo o sustento para suas famílias, poder dizer que moro ao sul do sul deste Brasil e que amo muito esse lugar, é neste lugar que quero vencer e envelhecer até chegar a hora derradeira do descanso eterno.

Anexo D

Ser Jaguareense

Nasci em Jaguarão e tive a oportunidade de morar em outras duas cidades, Rio Grande e Santa Maria. Ao ausentar-me de minha cidade de origem, pude perceber o quanto nós Jaguarenses somos privilegiados por pertencermos a esta terra.

A cidade de Jaguarão, além de bela, possui o maravilhoso Rio Jaguarão e a Ponte Internacional Mauá, que nos une ao Rio Branco, fazendo do povo desta cidade pessoas privilegiadas, pois é ótimo somente cruzar uma ponte e estar em outro país, compartilhando costumes, culturas, culinária e ainda falando o “portunhol”.

A alguns anos atrás, muitos Jaguarenses mudaram-se para outras cidades devido a falta de oportunidades de emprego e educação. Essa realidade esta mudando, com a implantação dos free shops, as oportunidades de emprego melhoraram e com a chegada da Universidade já se tem a oportunidade de cursar o ensino superior no município.

Esses são apenas alguns dos motivos pelos quais, ser Jaguareense é motivo de orgulho e satisfação para os filhos desta terra. Jaguarão é amada e divulgada por todos que ganharam o mundo, mas que cedo ou tarde retornam às suas raízes.

Anexo E

Ser Jaguareense

É ser hospitaleiro com pessoas de fora da cidade, é saber o quanto estamos longe do centro do Poder, é saber que a ajuda do governo demora a chegar, é saber que somos uma cidade onde nosso filho não tem oportunidades e precisam ir para centros grandes como Pelotas, Porto Alegre, Caxias e Fortaleza em busca de oportunidades, é saber que nossa maior indústria ou empresa é a Prefeitura que emprega grande parte dos moradores, é saber que nossa política esta enraizada na direita dos Coronéis e a esquerda do professor do bairro, é saber que a violência que tanto assola nosso Brasil, aqui ainda encontrou paz, é saber que temos uma universidade que vai proporcionar uma melhora nos índices educacionais do município, possibilitando melhor futuro, acima de tudo ser Jaguareense é acreditar que podemos mais, sem nunca desistir por uma cidade melhor para todos.